

TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA ENTRE O POEMA E O VIDEOPOEMA *IMAGEM* DE ARNALDO ANTUNES

Andreia da Silva Santos¹
Luciano Barbosa Justinoⁿ

¹ Mestranda em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)/Centro de Educação (Ceduc) / Rua da União, 563, aptº 503, Boa Vista, Recife (PE), CEP. 50050-010,
e-mail: asjornalista@yahoo.com.br

ⁿ Professor doutor do Curso de Letras do Centro de Educação (Ceduc) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor e Coordenador do Mestrado em Literatura e Interculturalidade (MLI) do Centro de Educação da (UEPB)/ Avenida Floriano Peixoto, 1461- Centro – Campina Grande (PB) CEP: 50101-001.

e-mail: lucianobjustino@pq.cnpq.br

Resumo- A comunicação objetiva analisar o processo de tradução intersemiótica entre o poema *Imagem* e sua versão em vídeo. O poema encontra-se presente no livro *Tudos* (1993), e o videopoema na obra multimídia (CD, livro e DVD), *Nome* (2005), ambos de autoria de Arnaldo Antunes. Nesse sentido, percebemos que as palavras do poema impresso são capazes de evocar imagens mentais, o mesmo poema traduzido para o outro suporte, no caso o vídeo, gera imagens visuais de forma concreta e é a partir dessas diferenças e semelhanças que observaremos o método da TI. Para compormos o trabalho nos ancoramos nas proposituras de Plaza, (2003), Santaella (2005), Pignatari (2004), Netto (1980).

Palavras-chave: tradução intersemiótica, poesia, videopoesia.

Área do Conhecimento: Letras

Introdução

Ler um poema em um livro e assistir a mesma poesia na TV leva-nos a ter a mesma percepção? Quais as diferenças e semelhanças de um poema e um videopoema? A partir desses questionamentos resolveu-se analisar o processo de Tradução Intersemiótica (TI) entre o poema *Imagem* e sua versão em vídeo. Ambos encontram-se presentes na obra *Nome* (2005), de autoria do cantor, compositor e escritor Arnaldo Antunes.

Faz-se necessário, no entanto, fazer uma distinção entre tradução e tradução intersemiótica, para entendermos em que espaço cada uma delas opera.

Campos (2004), explica que o verbo traduzir deriva do verbo latino *traducere*, que significa conduzir ou fazer passar de um lado para outro, algo como atravessar. Em linhas gerais o processo de tradução é o ato de passar um texto de uma língua para outra.

Ainda segundo o mesmo autor, o documento mais famoso que se conhece da atividade tradutória da antiguidade é a Pedra de Rossetta, que se trata de um fragmento de basalto, encontrado em 1799, durante escavações que estavam sendo realizadas em um local banhado pelo rio Nilo.

A Pedra de Rossetta apresentava um texto grafado de três formas diferentes, em hieróglifos da escrita sagrada do antigo Egito, em caracteres da língua escrita popular egípcia da época, e em caracteres gregos. Legalmente a primeira tradução ocorreu em 146, em Roma,

Ainda sobre tradução, McLuhan (2007), observa que as palavras são sistemas complexos de metáforas e símbolos que traduzem a experiência para nossos sentidos manifestos ou exteriorizados. Elas constituem uma tecnologia da explicitação. Através da tradução da experiência sensorial imediata em símbolos vocais, a totalidade do mundo pode ser evocada e recuperada, a qualquer momento.

Para entendermos os conceitos da TI é necessário observar as proposituras de Plaza (2000) sobre o assunto. O autor explica que as primeiras referências de Tradução Intersemiótica surgem na obra de Roman Jakobson, um que definiu as traduções em três tipos: interlingual, intralingual e intersemiótica, ou transmutação que consiste na interpretação dos signos verbais através de sistemas de signos não-verbais

Ainda segundo Plaza todos os fenômenos de interação semiótica entre as diversas linguagens, a colagem, a montagem, a interferência, as apropriações, integrações, fusões e re-fluxos interlinguagens dizem respeito às relações tradutoras intersemióticas, mas não se confundem com elas, pois carregam a estrutura dessas relações, mas não se realizam, de forma intencional.

Ainda seguindo a linha teórica de Plaza, o ato de traduzir coloca em contato o que existe de mais profundo no ato da criação. O original está determinado por um tempo e espaço e pelas condições de produção que neles estão inscritas. Dessa forma, percebemos que a leitura do objeto cultural original exige que seja feita a leitura das condições de sua produção.

No nível pensamental, fazendo alusão a um termo de Plaza (2000) a tradução quando em contato com seu original é processado por meio de inferências associativas: contigüidade e semelhança. No entanto, na ordem do pensamento tradutor, não se faz através de sucessões de ideias atraídas umas pelas outras, mas é feita pela associação de formas.

Vemos de uma maneira bem delimitada que a tradução se dispõe a passar de uma língua para outra um determinado texto. No caso da tradução intersemiótica, a transposição se dá entre um objeto de um meio para outro suporte.

Metodologia

Como método de análise para desenvolver o presente artigo utilizou-se a pesquisa bibliográfica, que tem como características a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos e outros documentos. Optou-se por este caminho por entender que esta seria a melhor forma de responder ao nosso problema, pois a pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema.

Resultados

Através da análise dos poemas podemos perceber que a tradução do poema *Imagem* do suporte livro para o vídeo é tida como tradução indicial, ou seja, esse tipo de tradução se dá pelo contato entre o original e sua tradução. As estruturas são transitivas, existe continuidade entre o original e sua tradução, ou seja, há continuidade entre original e tradução. O objeto imediato do original é apropriado e transportado para outro suporte. Nesta mudança tem-se a transformação de qualidade do objeto imediato, pois o novo meio semantiza a informação que veicula.

A tradução indicial é sempre determinada pelo signo que o antecede, assim, segundo as observações de Plaza, estas relações se dão em um nível de causa e efeito, exemplo disso é a tradução de um signo de um meio para outro.

Este é o caso do poema em análise. Neste tipo de tradução, não há perdas ou ganhos, pois os suportes são diferenciados, há que se pensar na especificidade de cada meio.

Discussão

Passemos então para a análise do poema *Imagem* contido no livro *Todos* (1993) de autoria de Arnaldo Antunes:

palavra	lê
paisagem	contempla
cinema	assiste
cena	vê
cor	enxerga
corpo	observa
luz	vislumbra
vulto	avista
alvo	mira
céu	admira
célula	examina
detalhe	nota
imagem	fita
olho	olha

Percebemos dessa forma que o autor dividiu a poesia em dois blocos, criando dessa forma colunas de palavras. No bloco a esquerda encontram-se os substantivos no gênero masculino e feminino, quanto ao número estão todos no singular. Na outra coluna por sua vez, estão contidos os verbos, todos relacionados ao ato de ver.

Fazendo a associação entre os dois blocos existe uma relação entre as palavras, ou seja, Antunes “brinca” ao atribuir aos substantivos a ação. Ou seja, de um lado está o substantivo

“palavra” do outro o verbo “lê”, como se o poeta, associasse que a palavra é feita para se ler e assim por diante, com todos os substantivos e verbos contidos no poema.

Notamos ainda que as associações das palavras e verbos apresentados no poema podem ser feitas de todas as formas, todas as palavras podem ser ligadas entre si. Lembrando dessa forma, algo como “ligue as palavras”, exercício usado (ou ainda em uso), nas instituições educacionais, em séries iniciais.

Esse fato é proporcionado devido a gravura que existe ao lado da poesia, o que se vê são rabiscos, de cor preta, grossos e finos que se entrelaçam, mas que não representam figura alguma.

De acordo com Santaella (2005), forma sem sentido, ou seja, traçados em uma superfície que não representam especificamente um objeto reconhecível. Assim, a projeção pode ser crua ou inacabada, os traços são acidentais, como os rabiscos de uma criança ou uma mancha de tinta os traçados seguem um plano ou sistema que não se destina a ser projeção de um objeto reconhecível.

Sobre a linguagem verbal a autora afirma que se trata do exemplo mais evidente de legi-signo ou sistema de legi-signos. Porque pertencem ao sistema de uma língua, as palavras são interpretadas como representando aquilo que representam, isso ocorre por força de lei desse sistema. Como quaisquer outros exemplares de legi-signo, no seu estatuto de leis, as palavras só tomam parte na experiência ou têm existência concreta por meio de suas manifestações.

A arte ou, melhor: a construção poética, a poesia em seu sentido maior e primeiro de construção, se apresentaria assim, como sugere Gaston Bachelard, como um momento onde o que está em jogo é uma passagem, fenomenológica, para “imagens invividas, “imagens que a vida não prepara e que o poeta cria”. (NETTO,1980).

Seguindo a linha semiótica de Peirce que dividiu os signos em índices, ícones e símbolos. Os signos que se organizam por similaridade, por analogia, são ícones, são figuras (fotos, desenho). Os signos que se organizam por continuidade são símbolos (palavras faladas e escritas). Logo, o que basicamente, caracteriza o fenômeno poético é a transformação de símbolos em ícones.

Na poesia, predominam as relações de formas; na prosa, os conceitos. A poesia, como sugere Pignatari (1987), tenta ser ou imitar o objeto ao qual se refere, por meio de formas analógicas.

Dessa forma, passemos à análise do videopoema que de acordo com Machado (2007) são objetos híbridos que aglutinam som, imagem e palavras e podem ser veiculados em suportes

eletrônicos, desse modo, conseguem inserir na tela o objeto poético.

No videopoema *Imagem* (0.31 min) é apresentado um letreiro no alto de um prédio com as seguintes letras OHL, percebemos que a primeira letra do letreiro não existe mais, ficando apenas o espaço vago. A câmera fixa nesse letreiro e é quando uma voz em *off* pronuncia: *palavra lê*, percebe-se que há uma música de fundo. Neste momento aparece a parte superior de um ônibus em movimento, dando ritmo a poesia.

A voz em *off* segue pronunciando todas os substantivos e verbos do poema. A imagem do prédio e do letreiro continua na tela, muda-se o “tempo”, ora é dia, ora noite. No momento em que o poeta diz *luz vislumbra e vulto avista* a palavra do letreiro duplica, ocasionando uma distorção da imagem.

Em seguida quando são pronunciados os vocábulos *alvo mira*, surge na tela um olho em close, que se abre e fecha. Quando Antunes diz *olho olha*, há uma brincadeira com o letreiro OHL, são colocadas no espaço vago do letreiro as letras A e O. Após esse jogo, o plano é fechado, como se fosse realmente um olho fechando.

Segundo Plaza (2003) a operação de passagem da linguagem de um meio para outro implica em consciência tradutora capaz de perscrutar não apenas os meandros da natureza do novo suporte, seu potencial e limites, mas, a partir disso, dar o salto qualitativo, isto é, passar da mera reprodução para a produção.

A transposição de um signo estético num meio determinado para outro meio tecnológico deve obedecer os recursos normativos (signos de lei) do novo suporte, seus sistemas de notação.

Conclusão

O trabalho demonstra que a forma de percepção do leitor ou do leitor-expectador se modifica quando o poema é translado para outro suporte. Assim, a aparência, imagem, sentimento, se tornam outros.

Ao tomar um objeto cultural para análise intersemiótica é necessário observar em quais meios estão os mesmos inseridos, para assim poder examinar o original e sua tradução. Verificar com cautela os suportes e suas especificidades e não utilizar críticas desnecessárias e sem fundamento quanto ao processo de tradução intersemiótica.

Referências

ANTUNES, Arnaldo. **Tudos**. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 1993.

ARAÚJO, Ricardo. **Poesia visual- vídeo poesia**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1988.

_____. **A televisão levada a sério**. 2.ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

MACLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 15ª reimpr. Tradução Décio Pignatari São Paulo: Cultrix, 2007.

NETTO, João Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e comunicação: diagramação da teoria do signo**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

NOME. Dvd realizado por Arnaldo Antunes, Célia Catunda, Kiko Mistrorigo e Zaba Moreau. Contém 30 videopoemas (49min:59s). Produzido e distribuído no pólo Industrial de Manaus por Sonopress Rimo da Amazônia Indústria e Comércio Fonográfico Ltda. Sob licença da Sony BMG Music Entertainment (Brasil-2005).

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PLAZA, Júlio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.